



ORIENTE MÉDIO

Gaza, uma terra (quase) esquecida

Sete meses depois da assinatura do acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas, não existe sinal de paz ou de reconstrução no enclave palestino. Plano de 20 pontos do presidente Donald Trump esbarra em ceticismo e em obstáculos políticos

» RODRIGO CRAVEIRO

Vez ou outra, explosões ecoam pelos quatro cantos da Faixa de Gaza. E as cenas se repetem: os corpos envoltos em bandeiras da Palestina, desespero, choro e dor. Uma lembrança de que a paz prometida por Donald Trump jamais veio. A Faixa de Gaza tornou-se uma terra (quase) esquecida e arrasada. Pelo menos 80% dos prédios foram reduzidos a escombros. Pilhas deles ainda são presença marcante no horizonte do enclave palestino. Pouco ou praticamente nada foi removido para dar lugar à reconstrução, outra promessa dos Estados Unidos. Em 12 de outubro passado, Trump anunciou, durante uma conferência no Egito com líderes de Egito, Catar e Turquia: "Juntos conseguimos o que todos diziam ser impossível; finalmente temos paz no Oriente Médio". Na prática, a assinatura do acordo de cessar-fogo ficou restrita aos holofotes e à esperança. Milhares de palestinos seguem desabrigados, obrigados a viver sob tendas, expostos a condições de vida insalubre e ao ataque de ratos, além de doenças transmitidas pelos roedores.

Zaha Hassan, especialista do Programa Oriente Médio do instituto Carnegie Endowment for International Peace (CEIP, em Washington), explicou ao **Correio** que o plano de paz de 20 pontos de Trump não foi implementado por um motivo político. "Os Estados Unidos optaram por não usar a própria influência para levá-lo adiante", afirmou. Ela sublinhou que não existe um substituto para os EUA como mediador de paz com influência suficiente sobre Israel. O plano da Casa Branca prevê o desarmamento completo do movimento fundamentalista islâmico palestino Hamas e sua exclusão de Gaza e a criação de um Comitê de Paz governado pelo próprio Trump para supervisionar o estabelecimento de um governo tecnocrata no enclave — o Comitê Nacional para a Administração de Gaza.

Hassan lembrou que as partes jamais acordaram a Fase 2 do plano de Trump, a qual inclui a desmilitarização, a transferência de governo e a reconstrução em larga escala. "Esta foi essencialmente adiada. O alto representante para o Comitê de Paz, Nickolay Mladenov, indicou em uma carta vazada que a Fase 2 ocorrerá mesmo sem a concordância do Hamas em se desarmar. Se isso for verdade, significa um retorno ao conflito violento e o fim do cessar-fogo.

Eyad Baba/AFP



Menina palestina diante de edifícios destruídos em Deir al-Balah, no centro da Faixa de Gaza



A guerra não acabou. (...) A situação humanitária permanece drástica e desastrosa"

Ajith Sunghay, chefe do Escritório de Direitos Humanos da ONU nos Territórios Palestinos Ocupados

Atualmente, só duas passagens fronteiriças permitem acesso a Gaza", acrescentou Sunghay.

Burocracia

O representante das Nações Unidas também lamenta os entraves burocráticos. "Para nos movermos dentro de Gaza e fornecer ajuda, precisamos de veículos, de peças de reposição, de autorização para acesso. Tudo isso é muito difícil de obter, porque Israel vem com diferentes demandas e diferentes solicitações", explicou Sunghay. Ele lamenta que o povo palestino não possa contar com um suprimento previsível de comida ou outro bem humanitário. A situação é agravada pelo aumento dos preços de produtos e de alimentos. "Apesar das promessas de reconstruir Gaza, isso nem de perto começou. Temos visto uma infestação massiva de ratos e de insetos, o que leva à disseminação de doenças. Os palestinos lutam dia após dia", concluiu.

Moradora em uma barraca do campo de refugiados Al-Bureij, no centro de Gaza, Shireen Al-Kurdi, 36 anos, classifica a vida no território como "extremamente difícil". "As operações militares israelenses continuam a avançar em algumas áreas. A linha amarela traçada por Israel se aproxima cada vez mais das áreas residenciais", disse ao **Correio**, ao mencionar a demarcação que separa a área sob controle israelense da região costeira, onde a maioria da população está abrigada sob tendas. "Todos os dias há mortos e feridos nos bombardeios, e sofremos com a escassez de comida, água, eletricidade e medicamentos. Muita gente sente que a guerra não terminou realmente. O sofrimento e a insegurança continuam diariamente", admitiu Shireen.

Duas perguntas para...

ZAHA HASSAN, especialista do Programa Oriente Médio do instituto Carnegie Endowment for International Peace (CEIP)

O que mudou na Faixa de Gaza desde a assinatura do acordo de cessar-fogo?

O acordo de cessar-fogo conseguiu libertar todos os reféns israelenses e reduzir a quantidade de ataques de grande intensidade de Israel aos civis palestinos. Não resultou na abertura da passagem fronteiriça de Rafah, nas retiradas

israelenses, na ajuda em larga escala e na permissão para que a ONU e organizações humanitárias realizassem seu trabalhos em restrições. O que os palestinos enfrentam como futuro é violência episódica, privações profundas, traumas psicológicos contínuos e nenhuma esperança de alívio dessa situação. É difícil não acreditar que o objetivo seja forçá-los a sair de Gaza ou levá-los à sua lenta destruição.

CEIP



Quais os principais obstáculos políticos para a implementação?

Os principais obstáculos serão como incentivar terceiros Estados — principalmente os Estados árabes do Golfo, mas também os europeus — a pressionar os EUA para que Israel cumpra a Fase 1 do plano de Trump. A Fase 2 dificilmente será possível, pois Israel não tem intenção de buscar uma solução política

compatível com a autodeterminação palestina no restante do território palestino. Sem solução política, o Hamas e outros grupos armados não se desarmarão e não se engajarão mais no plano. É uma situação lamentável. O que a comunidade internacional ignora é que o Tribunal Internacional de Justiça determinou que a ocupação israelense é ilegal, que seu regime é de apartheid contra os palestinos e que terceiros Estados têm a obrigação de pôr fim à situação e apoiar os direitos palestinos. (RC)

Sem a trégua nos ataques e a estabilização da situação no terreno, não haverá ajuda humanitária, recuperação e reconstrução. E, claro, a autodeterminação palestina não estará ao alcance", alertou a especialista.

Contradições

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, Alon Ben-Meir avalia que o plano de Trump entrou em colapso por suas próprias contradições. "Ele tentou impor uma nova ordem sem consentimento palestino; adiou todos os temas

centrais — soberania, governança e desmilitarização — a um futuro vago; e dependeu de poderes externos indispostos a garanti-lo", disse ao **Correio**. Estudioso em Oriente Médio, Ben-Meir explicou que, na ausência de confiança, legitimidade ou implementação, o acordo tornou-se mais um comunicado diplomático do que um processo vivo.

Ainda segundo Ben-Meir, o governo do premie israelense, Benjamin Netanyahu, rejeita qualquer processo que conduza a um Estado palestino viável, ao mesmo tempo que consolida o

controle sobre territórios, fronteiras e segurança. "Nenhum cessar-fogo pode se transformar em paz quando um dos lados insiste na dominação permanente em vez da coexistência negociada", advertiu. Por outro lado, ele interpreta a política palestina como profundamente fragmentada entre o Hamas, em Gaza, e a Autoridade Palestina, na Cisjordânia. "Não há uma estratégia unificada nem em um parceiro plenamente capacitado para negociar e implementar um acordo abrangente."

"A guerra não acabou", assegurou ao **Correio**, por telefone, Ajith

Sunghay, chefe do Escritório de Direitos Humanos da ONU nos Territórios Palestinos Ocupados, em Amã (Jordânia). "O que ocorreu foi o anúncio de um cessar-fogo. Mesmo em meio a esse cessar-fogo, 850 palestinos foram atingidos e assassinados pelas Forças de Defesa de Israel (IDF) dentro de Gaza", explicou. Segundo ele, o que mudou nos últimos sete meses foi a escala de bombardeios israelenses e de deslocamento populacional. "A situação humanitária permanece drástica. Há enormes problemas em distribuir ajuda em quantidades necessárias para o povo da Palestina.

ATENTADO NOS EUA

Homem é morto após atirar perto da Casa Branca

Um homem foi morto após abrir fogo contra agentes do Serviço Secreto no entorno da Casa Branca, em Washington, DC. O presidente norte-americano, Donald Trump, negociava o acordo com o Irã no local no momento do tiroteio.

A Polícia de Washington e o FBI também foram mobilizadas para atender o incidente. Uma porta-voz do Serviço Secreto informou que os agentes ainda estavam investigando o atentado. "O FBI está no local e apoia o Serviço Secreto na resposta a disparos perto da área da Casa Branca", publicou no X o diretor do FBI, Kash Patel.

O tiroteio teria acontecido no cruzamento da Rua 17 com a Avenida



Aponte a câmera do celular para ver o momento do tiroteio

Pensilvânia, uma das entradas da sede do Executivo americano, mas o suspeito armado não conseguiu ultrapassar o perímetro de

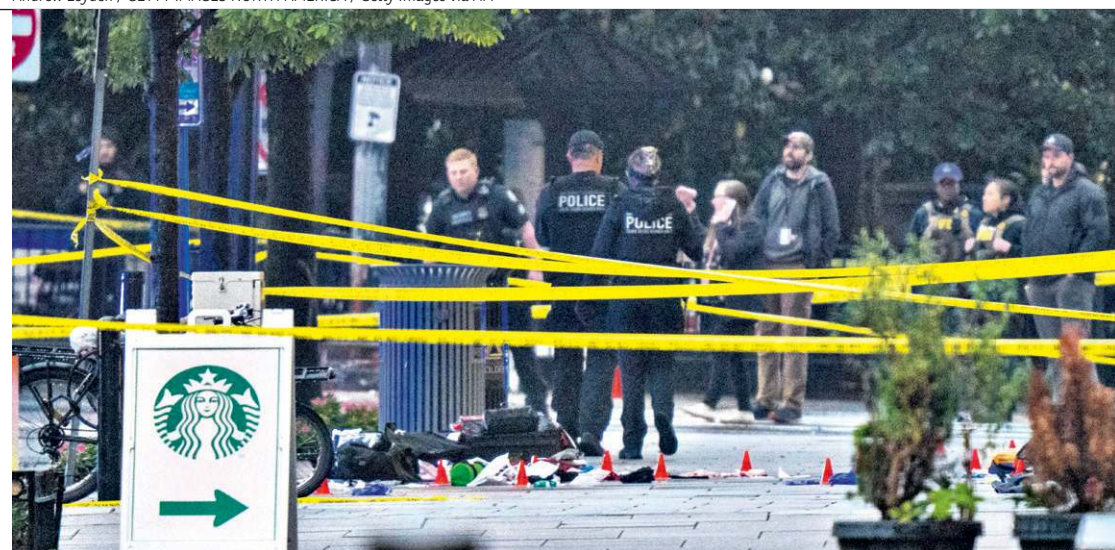
segurança da Casa Branca. Um pedestre ficou ferido na troca de tiros.

Em comunicado, o Serviço Secreto informou mais tarde que um homem que abriu fogo contra agentes em um posto de controle do local morreu após ser baleado. "Eles responderam, atingindo o suspeito, que foi levado para um hospital local, onde morreu", informou a nota.

Abrigo à imprensa

Jornalistas que estavam no gramado norte da Casa Branca no momento relataram na rede social X que receberam ordens para correr e se abrigar na sala de imprensa. A repórter do canal

Andrew Leyden / GETTY IMAGES NORTH AMERICA / Getty Images via AFP



O presidente Donald Trump negociava o acordo com o Irã no local no momento do tiroteio

ABC News Selina Wang fazia uma gravação para as redes sociais quando os aparentes disparos ocorreram, capturando o som dos tiros enquanto se jogava no chão. "Pareciam dezenas de tiros", publicou ela no X.

O turista canadense Reid Adrian, que estava na região no momento dos disparos, relatou que foram ouvidos "provavelmente entre 20 a 25 barulhos que soavam como fogos de artifício, mas que eram tiros, então

todos começaram a correr."

Após os disparos, a polícia isolou o acesso à Casa Branca e tropas da Guarda Nacional impediram a circulação de pessoas na área do centro de Washington.